

Diálogo sobre Grandes Defeitos

letrônica

Daisy Pail¹

Assumindo-se que há uma tendência natural para a conectividade que explique a propensão do homem para a comunicação, objetiva-se, neste artigo, ilustrar uma interface entre teorias e modelos inferenciais em conjunto com a Teoria do Diálogo. A proposta foi fundamentada na lógica dedutiva proposicional, na Teoria das Implicaturas (GRICE, 1975), Teoria das Implicaturas Conversacionais Generalizadas (LEVINSON, 2000), Teoria da Relevância (SPERBER e WILSON, 1995) e Teoria do Diálogo (COSTA, 2010).

É possível se considerar quatro níveis para descrição do diálogo: o dito explícito, o dito implícito, o intencional e o inferencial (cf. COSTA, 2010). É neste último nível que se proporá uma interface entre as teorias e modelos inferenciais.

Na primeira seção é apresentado um diálogo entre um homem (Leo) e uma mulher, com o intuito de chamar atenção para o objeto de análise do artigo: o diálogo. Na seção dois, é apresentada a Teoria do Diálogo. Na seção três são descritos três tipos de inferências lógicas: dedutivas, indutivas e abduativas. Na seção quatro, o modelo de Grice é apresentado. A teoria que Levinson desenvolveu aprofundando a noção griceana de implicaturas conversacionais particularizadas é apresentada na seção cinco. Na sexta seção é explicada a Teoria da Relevância. Na última seção, o diálogo *Grandes defeitos* é descrito nos quatro níveis propostos pela Teoria do Diálogo.

1 Grandes defeitos

Leo: E aí, como foi teu encontro com o cara da loja de sapatos?

Rafa: Ah, foi, né?

Leo: Como assim? Qual o *grande* defeito desse?

Rafa: Eliminou os tremas.

Leo: Que?

Rafa: TranKilo, freKENte, seKÊNcia, inconseKENte.

Leo: Mas ele não era *tão bonitinho*?

Rafa: Bonitinho. Não, lindo!

¹ Graduação em Língua Portuguesa e Respectivas Literaturas, Especialização em Consultoria e Assessoria Linguística, Mestrado em Linguística (em andamento).

Leo: Então, o fim de semana foi perda de tempo?!

Rafa: Que nada! Conheci um cara lindo! Alto, gentil, divertido, com olhos verdes incríveis!

Leo: Ahan... Vai sair com ele?

Rafa: Não, ele tem um grande defeito!

Leo: *Sério?*

Rafa: Olha, quem fala! Por que tu deixou de sair com a bartender?

Leo: Ah... Não muda de assunto. Que defeito enorme o cara perfeito tem?

Rafa: Namorada. E a bartender?

Leo: Assim como tu, ela não é a mulher ideal de homem nenhum.

Rafa: Como assim?

Leo: Não é órfã.

Rafa: Minha mãe não é tão ruim assim.

Leo: Comigo, com certeza não. Ela me ama.

Rafa: Só porque tu não tem um *grande* defeito.

Leo: Ah, é? Qual seria o grande defeito que eu não tenho?

Rafa: Ser meu namorado.

Leo: Nunca gostei dela tanto assim também.

2 A Teoria do diálogo

O diálogo é assumido como unidade básica de comunicação social, no qual o bilateral é a forma mais elementar. Sua estrutura básica consiste em falante e interlocutor. As teorias (Teoria das Implicaturas, Teorias das Implicaturas Conversacionais Generalizadas e Teoria da Relevância) explicitadas são de conteúdo, porém há algo anterior a esse nível que permite e provoca o diálogo: uma tendência natural para a conectividade — em concordância com a teoria de Darwin. Essa tendência é defendida na teoria em desenvolvimento por Costa (2010) sobre o diálogo como Princípio da Conectividade Não-trivial:

hipótese de sustentação da presente abordagem que deve existir uma tendência inata para a conectividade não-trivial — ser uma conexão não apenas mecânica, mas interativa e criativa, entendida como comunicação humana básica. Nesse sentido, a primeira expressão de tal princípio é o de que ele se expressa através de uma linguagem especial, humana, e a segunda é que ele representa, de maneira geral, compromissos informativos não redundantes.

De acordo com Costa (2010), “a estrutura significativa do Diálogo envolve aspectos lexicais, sintáticos, semânticos e pragmáticos”. Esses aspectos desempenham papel importante em todos os níveis de articulação do diálogo e também para proporcionar a esse **condições de veracidade**.

Um entrave para o estudo das condições de verdade em uma interface entre lógica *strictu sensu* e linguagem natural é a aceitação existente de argumentos falaciosos. Strawson viu, na “conexão entre significado e intenção, um binômio capaz de preencher a lacuna aberta pelo tratamento puramente lógico das condições de verdade das proposições” (apud Costa, 2004). Contudo, Costa (2010) entende que há diferença entre potencialidade para condições de verdade e condições de veracidade. Com a finalidade de eliminar esse problema, é assumido o conceito de condições de veracidade. Enquanto condições de verdade estabelecem relação entre proposições e o estado das coisas, as condições de veracidade estabelecem relação entre interlocutores.

Veracidade é uma verdade provisória e *online* assumida para estabelecimento do diálogo. Algo será verdade se e somente se os envolvidos no diálogo aceitarem como verdade. As condições de veracidade se realizam em condições de boa formação sintática, de boa formação semântica e de adequação pragmática.

Assim, em *Grandes defeitos*, para se entender o enunciado de Leo — E aí, como foi teu encontro com o cara da loja de sapatos? — não é necessário adequar as condições de verdade para que seja aceito pelos envolvidos no diálogo, pois ele preenche as condições necessárias.

Há pelo menos quatro níveis de articulação para descrição do diálogo, quais sejam: o **dito explícito**, o **dito implícito**, o **intencional** e o **inferencial**.

O contexto codificado semanticamente no dito é relacionado com o dito implícito. Esse é pressuposto pelo contexto. No dito implícito não é feito um cálculo inferencial para a recuperação destas informações, pois o dito explícito é que ficou econômico.

Por exemplo, voltando ao início do diálogo de Rafa e Leo:

Leo: E aí, como foi teu encontro com o cara da loja de sapatos?

Rafa: Ah, foi, né?

O dito explícito é somente o expresso no enunciado de ambas, já o dito implícito —entre colchetes— em Leo é “E aí, como foi teu [Rafa] encontro [no dia x] com o cara da loja de sapatos” e em Rafa é “Ah, foi [um encontro], né?”.

O intencional, ligado ao emocional, guia um diálogo afetando o inferencial. “Dada uma certa intenção, o significado dialógico é obtido pela interatividade das subpartes” (Costa, 2010).

Supondo-se que, no diálogo *Grandes Defeitos*, a intenção de Leo seja apenas conversar sobre relacionamentos, sem interesse sexual por Rafa, então seria possível concluir que Leo, ao dizer: “Nunca gostei dela tanto assim também”, estivesse implicando — usando terminologia de Grice, ver seção 4 — seu desgosto ao saber que o sentimento da mãe de Rafa por ele não é incondicional.

O processo inferencial pode ou não evidenciar as intenções. Com a finalidade de protegê-las, as inferências podem ser canceladas. Se por exemplo, assumindo que Leo estivesse interessado por Rafa e ela perguntasse o que Leo queria dizer com não gostar tanto assim da mãe dela, este poderia dizer que estava magoado por saber que o sentimento não era incondicional, a fim de evitar que Rafa percebesse seu interesse. As intenções dirigem o dito e o inferido, como se pode notar a partir da situação descrita.

3 Inferências Lógicas

A lógica enquanto ciência formal pode ser aplicada a qualquer outra. No entanto, como um tratamento rigidamente lógico parece não dar conta da linguagem natural, alguns teóricos afirmam que esta não se relaciona com aquela. O que se entende e se assume aqui é que os processos inferenciais possuem base lógica (ver Costa, 2006; Grice, 1975; e Sperber e Wilson, 1995).

“Um *processo inferencial* começa a partir de um conjunto de premissas e resulta num conjunto de conclusões que se seguem logicamente das premissas ou que são, pelo menos, legitimadas por elas (Sperber e Wilson, 2001, p.41)”. Para Pierce a lógica possui três tipos de inferências: abduativas, indutivas e dedutivas.

As inferências dedutivas têm conclusões necessárias. Dadas premissas verdadeiras, a conclusão deve ser verdadeira.

Regra de derivação conjuntivo:

Introdução do ‘&’

A

B

A&B

Eliminação do ‘&’

A&B

A/B

Nesse tipo de argumento a ordem dos componentes não altera o resultado. O mesmo nem sempre acontece em termos pragmáticos.

‘A&B’ é equivalente a ‘B&A’.

‘Rafa é exigente e Leo é sarcástico é equivalente a ‘ Leo é sarcástico e Rafa é exigente’.

Nesse tipo de regra de derivação, dados dois segmentos, o conjunto só será verdadeiro se ambos forem verdadeiros. A tabela verdade de A&B é:

A & B
 V V V
 V F F
 F F V
 F F F

Regra de derivação injuntiva

Regra de introdução do ‘V’

P

 PVQ

Regra de Eliminação do ‘V’

PVQ	PVQ
~P	~Q
-----	-----
Q	P

P|PVQ - ‘O cara de olhos verdes é perfeito ou o cara de olhos verdes tem namorada’

PVQ, ~P|Q - ‘O cara de olhos verdes é perfeito ou o cara de olhos verdes tem namorada’, ‘O cara de olhos verdes não é perfeito, portanto o cara de olhos verdes tem namorada’.

PVQ,~Q|P - ‘O cara de olhos verdes é perfeito ou o cara de olhos verdes tem namorada’, ‘o cara de olhos verdes não tem namorada, portanto ele é perfeito’.

Se pelo menos um dos disjuntos for verdadeiro, então a disjunção é verdadeira, como se pode perceber na tabela verdade.

Tabela verdade de ‘V’

P V Q
 V V V
 V V F

F V V

F F F

O disjuntivo pode ser inclusivo ou exclusivo, sendo este último o mais comum em linguagem natural (conforme Campos, 2006).

Regra de derivação condicional: ‘ \rightarrow ’

Modus Ponens $P \rightarrow Q, P \vdash Q$

‘Mulher ideal implica orfandade’, ‘orfandade, portanto mulher ideal’.

Modus Tollens $P \rightarrow Q, \sim Q \vdash \sim P$

‘Se é mulher ideal então é órfã’, ‘Não é órfã, portanto não é mulher ideal.’

Tabela verdade

$P \rightarrow Q$

V V V

V F F

F V V

F V F

Nesse tipo de argumento, a derivação só será verdadeira se uma das proposições for verdadeira² ou se as duas forem falsas.

Regra de derivação de dupla negação

Regras de derivação: ‘ \sim ’

Dupla negação $P, \text{ portanto } \sim\sim P / \sim\sim P, \text{ portanto } P$

‘A mãe de Rafa gosta de Leo, portanto não é verdade que a mãe de Rafa não gosta de ninguém.’

Redução ao absurdo $P \rightarrow Q \& \sim Q \text{ portanto, } \sim P$

Diferentemente das inferências dedutivas, as inferências indutivas são conhecidas como *o pulo do gato* por terem base probabilística. Inferências desse tipo são prováveis, pois os “(...) argumentos são elaborados a partir de uma amostra de propriedade de coisas para a população das propriedades das coisas (...)”³. A avaliação sobre inferências desse tipo se dá de forma escalar: certo, quase certo, probabilisticamente forte, provável, possível.

² Dicionário Escolar de Filosofia. Disponível em <http://www.defnarede.com/logica.html>.

³ Deduction, Induction, and Abduction. Disponível em

Já as inferências abduativas se diferenciam das outras duas por sua natureza hipotética. Esse tipo de inferência é conhecido como inferências da *melhor explicação*. Toma-se um caso particular como se este tivesse advindo de uma regra geral, baseando-se em similaridades suficientes. Dada uma hipótese, se buscam explicações para a corroboração ou refutação desta através de experimentos, como no exemplo abaixo:

Todas as bolas nesta caixa são vermelhas; todas as bolas nesta amostra aleatória particular são vermelhas, portanto, todas as bolas nesta amostra aleatória particular são desta caixa.

O que temos aqui não é como um argumento a partir da população de amostra ou um argumento de amostra para a população: é uma forma de argumento provável totalmente diferente de dedução e indução⁴.

Esse tipo de inferência, como se pode concluir do exemplo anterior, é uma suposição que pode ou não ser corroborada com base em experimentos.

4 Teoria das Implicaturas

H.P. Grice parte da diferença entre significado da sentença e significado do falante, portanto uma abordagem pragmática. No artigo *Lógica e Conversação* (1975), Grice apresenta um modelo inferencial de comunicação, segundo o qual o falante dá evidência de sua intenção de provocar certo significado, que será inferido pelo ouvinte com base na evidência provida.

Todo enunciado linguístico cria expectativas que guiam o ouvinte para a interpretação. Essas expectativas são descritas no **Princípio de Cooperação** (PC). Esse é um conjunto de normas que governam o ato comunicativo entre os envolvidos. Ao PC, se vinculam máximas conversacionais. A violação (ou não) das máximas permite gerar as implicaturas, que podem ser **conversacionais** ou **convencionais**. Em seu modelo inferencial, além das implicaturas, são abordadas as noções de intencionalidade e contexto a partir da ideia de que o que é comunicado vai além do que é decodificado linguisticamente.

Como exemplo, um trecho do diálogo:

Leo: E aí, como foi teu encontro com o cara da loja de sapatos?

Rafa: Ah, foi, né?

<http://plato.stanford.edu/entries/peirce/#dia>. From original: *Arguments from a sample of the properties of things to a population of the properties of things*

⁴ Deduction, Induction, and Abduction. Disponível em

<http://plato.stanford.edu/entries/peirce/#dia>. From original: *What we have here is nothing at all like an argument from population to sample or an argument from sample to population: it is a form of probable argument entirely different from both deduction and induction.*

Leo: Como assim? Qual o *grande* defeito desse?

Rafa: Eliminou os tremas.

Conforme observa Grice, certos diálogos, como este acima, apresentam duas formas de significação: o significado da sentença e o significado do falante. Para melhor demonstrar, os enunciados serão analisados um por vez. Em (A), a primeira é que Rafa disse que foi um encontro e a segunda, implicada pela primeira, que não foi um encontro bom. O enunciado de (A) leva ao (B), em que a primeira significação é que Leo quer saber o que houve e qual o defeito que o cara tinha, implicando a segunda significação: Rafa não sai de novo com um cara, pois costuma ver grandes defeitos nele. Como se pode perceber a segunda significação diz respeito ao que Rafa e Leo poderiam entender, mas que não está no dito. Objetivando organizar um sistema que explique este tipo de significação, Grice apresenta os termos **implicitar** (implicate), **implicatura** (implicature) e **implicitado** (implicatum).

Há dois tipos de implicatura:

Implicatura convencional — presa ao significado convencional das palavras (valor semântico) e a

Implicatura conversacional — não está presa ao valor semântico, sendo determinada por certos princípios básicos do ato comunicativo.

Seguem alguns exemplos de implicatura convencional:

- a. Ester saiu cedo, mas ainda não chegou.
- b. Absolute Sandman tem quatro volumes. A Panini lançou o primeiro, portanto deve lançar o segundo em breve.
- c. Peter é super-herói, mas tem má fama.

Está dito em a. que Ester saiu cedo e que ainda não chegou e implicado que ela já deveria ter chegado. O que permitiu essa implicatura é o valor convencional de ‘mas’. Da mesma forma ocorre em b. e c., em que através dos conectores se têm as implicaturas, respectivamente: que, uma vez que lançou um dos volumes, a Panini deve lançar os demais e que Peter deveria ter boa fama por ser herói. Nos três casos, a implicatura se deve ao valor convencional das palavras.

Segundo Grice, o outro tipo de implicatura pode ser subdividido em outras duas:

Implicatura conversacional generalizada — quando não depende de um contexto específico e

Implicatura conversacional particularizada — quando depende de um contexto particular.

Como dito, o PC é um conjunto de normas, sistematizado em torno de quatro categorias fundamentais relacionadas a máximas e supermáximas.

Categoria de Quantidade — relacionada com a informatividade. Sob essa categoria estão duas máximas: a) Faça com que sua mensagem seja tão informativa quanto necessária para a conversação; b) não dê mais informações do que o necessário.

Categoria de Qualidade — diz respeito à veracidade das informações fornecidas. Essa categoria está diretamente relacionada à supermáxima “Procure dizer coisas verdadeiras” e indiretamente a outras duas: a) não afirme o que acredita ser falso; b) não afirme algo para o qual você não possa fornecer evidência adequada.

Categoria de Relação — diz respeito à máxima “seja relevante”.

Categoria de Modo — relacionada à supermáxima “seja claro” e a máximas como: a) evite obscuridade de expressão; b) evite ambiguidade; c) seja breve; d) seja ordenado.

As implicaturas podem ser geradas em três situações: a) Nenhuma máxima é violada, b) Uma máxima é violada para que outra não seja e c) violação de uma máxima para obter implicatura conversacional.

Enquanto as implicaturas convencionais são presas ao valor semântico convencional das palavras e reconhecidas pela intuição linguística, as implicaturas conversacionais devem ser calculáveis ou dedutíveis, canceláveis, não separáveis, indetermináveis, não convencionais e não determinadas pelo dito.

Entre as críticas feitas a esta teoria se encontra uma relativa ao aparente caráter normativo que as máximas apresentam. Contudo elas guiam o processo comunicativo e através de sua quebra ou não que são geradas as implicaturas.

Como esta teoria não se compromete com processos cognitivos e tendências cognitivas, seu caráter explicativo de processos mais gerais não é suficiente. Entretanto o Princípio de Cooperação é compatível com o Princípio de Conectividade Não-trivial apresentado na seção 2, assim o PC será considerado como consequência deste.

Outra crítica que se apresenta diz respeito ao o que determina o que é mais ou menos informação (máxima de quantidade). Costa (2008) apresenta uma interpretação estendida do modelo de Grice, na qual a máxima de relação é apresentada como uma supermáxima de relevância. Essa supermáxima guiaria a noção de informação necessária dentro de um contexto.

Ainda quanto às máximas, outro problema se apresenta em relação à máxima de qualidade. Nem sempre é possível apresentar evidências para o estabelecimento do diálogo, assim esta máxima se apresentaria mais como um entrave. Será assumida, pois, a noção de condições de veracidade.

5 Teoria da Relevância — comunicação e cognição

Sperber e Wilson (1995) buscaram explicar como a comunicação humana ostensiva⁵ se realiza. Em *Relevância: comunicação e cognição*, os autores apresentaram uma reinterpretação **cognitiva** do modelo inferencial de Grice⁶. Sperber e Wilson (S&W), apoiados em estudos sobre a cognição humana e sobre lógica, partem da hipótese de que o Princípio de Relevância, baseado numa relação de economia e eficiência da informação, faz parte da cognição humana. A partir disto, os autores desenvolveram uma abordagem pragmático-cognitiva de como se processa inferencialmente a comunicação.

Sperber e Wilson (S&W), devido à sua abordagem comunicativa, descrevem outro tipo de inferências: as não-demonstrativas. Estas funcionam na base de suposições que podem ser apenas confirmadas, mas não provadas. Devido ao funcionamento baseado em suposições se pode explicar porque, mesmo nas melhores condições, pode ocorrer falha na comunicação.

Segundo o princípio cognitivo, a cognição humana tende a dirigir-se para a maximização da relevância⁷. Algo se torna relevante a um indivíduo na medida em que houver equilíbrio entre esforço cognitivo para processamento de informação e efeitos cognitivos conseguidos: (a) Quanto maior é o número dos efeitos cognitivos, maior é a relevância; (b) Quanto menor é o esforço de processamento, maior é relevância⁸.

Os efeitos cognitivos são entendidos como alteração(s) no ambiente cognitivo⁹ de um indivíduo. Esses efeitos podem ser de fortalecimento das suposições — quando as suposições já existentes são reforçadas através de mais evidências —, de contradição das suposições — quando há fornecimento de evidências contrárias entre duas suposições, sendo eliminada aquela que tiver menos evidências —, e de implicações contextuais — combinação da informação nova com as suposições existentes. Este último efeito é o que os autores chamam

⁵ Ver crítica sobre situações outras em Fábio Rauen e Jorge Campos.

⁶ Apresentado na segunda seção.

⁷ Sperber e Wilson, 2001, p. 11.

⁸ Sperber e Wilson, 2001, p. 11.

⁹ S&W definem o ambiente cognitivo como um “conjunto de suposições manifestas em graus diversos” (...). *Se as suposições se tornam mutuamente manifestas, tem-se o ambiente cognitivo mutuamente manifesto* (...) (Silveira, 2002, p. 28)

de P em C: a informação nova (P) é processada no contexto de suposições (C) existentes na memória enciclopédica ou advindas do ambiente físico observável para derivar uma nova informação.

Toda e qualquer informação pode servir como premissa em um processo inferencial. A escolha de qual é mais relevante dependerá do contexto selecionado, do ambiente cognitivo de um indivíduo, da disponibilidade de informação. As formas de armazenamento de informação são: enciclopédica (informações armazenadas na mente sobre a extensão e denotação de um conceito: isto é, sobre os objetos, acontecimentos e/ou propriedades que o representam)¹⁰, lógica (conjunto de regras dedutivas estáveis e finitas) e lexical (informações linguísticas de caráter representacional).

De acordo com Sperber e Wilson, o contexto será uma representação mental formada por suposições. As suposições fatuais podem advir: da percepção, da decodificação linguística, das suposições e esquemas de suposições armazenadas na memória e da dedução¹¹. Em outras palavras, ele não é dado e sim construído.

Retomando-se trecho do diálogo *Grandes defeitos*:

Leo: Assim como tu, ela não é a mulher ideal de nenhum homem.

Rafa: Como assim?

Leo: Não é órfã.

Leo, através dessa afirmação, quis tornar manifesto um conjunto de suposições e premissas. Esse comportamento, tornar manifesta¹² a intenção de tornar algo manifesto, é chamado, por S&W, de ato de comunicação ostensiva.

O conjunto de suposições e premissas, nesse caso, será formado a partir das entradas lexicais — para fins de demonstração mais rápida, somente os enunciado de Leo serão analisados:

Suposição 1: A mulher órfã não tem mãe.

Suposição 2: A mãe de uma mulher se torna sogra do namorado da filha.

A entrada lexical ‘sogra’ nessa suposição permite o acesso à entrada enciclopédica sobre sogra.

Suposição 3: a sogra é implicante e intolerante.

Suposição 4: ter mãe é um defeito.

¹⁰ Sperber e Wilson, 2001, p.144.

¹¹ Sperber e Wilson, 2001, p. 137.

¹² Tornar algo manifesto é chamar atenção para algo, ter algo manifesto é estar ciente sobre algo.

Suposição 5: a mulher ideal não tem defeito.

Conclusão implicada: a mulher ideal não tem mãe.

A suposição 5, informação nova (P) é processada no conjunto de suposições anteriores (C).

A ostensão carrega uma garantia tácita de relevância, pois, ao produzir um estímulo, cria no receptor uma expectativa de que é relevante o bastante para merecer atenção. Assim, através de seu enunciado, Leo comunicou a presunção de relevância ótima. É neste primeiro momento, no qual ocorre um estímulo ostensivo por parte de quem comunica, que o receptor inicia um processo inferencial, sendo a primeira inferência a que vale o esforço para processar a informação fornecida.

É considerada na Teoria da Relevância a noção de explicatura. Esta noção tem a função de completar através de inferência o dito para que a proposição possa ser identificada como verdadeira ou falsa.

Considerando-se o exemplo, se tem a seguinte explicatura (entre colchetes):

Eu [Daisy] corri da esquina [da Cristiano Fischer] até aqui [prédio 8 da PUCRS].

Entretanto, como mencionado na seção 2, estas informações não aparecem no dito por economia. Não é feito um cálculo dedutivo para recuperação dessas informações.

Como dito na seção 2, as teorias apresentadas (seções 4,5 e 6) são de conteúdo, não sendo considerado um nível anterior e motivador da comunicação.

Apesar de as teorias de Grice e Sperber e Wilson considerarem a intencionalidade, a Teoria da Relevância (TR) não abarca situações nas quais o princípio de relevância é contrariado, como demonstrado por Costa e Rauen (2009). Assim situações que não teriam benefícios nos termos da TR podem ser justificadas pela hipótese da conectividade não-trivial.

Considerando-se o contexto teórico apresentado aqui, se tentará analisar o diálogo inicial. Esta análise será guiada pela teoria do diálogo.

6 Descrição do diálogo

Para descrição do diálogo, serão considerados os quatro níveis de articulação — seção 2. Contudo, o nível intencional terá duas intenções distintas para se demonstrar como estas afetam o processo inferencial. Os conceitos para análise do processo inferencial serão: inferências multiformes (Costa, 2009), inferências lógico-dedutivas, implicaturas

conversacionais particularizadas (Grice, 1975) guiadas pela noção de relevância, ambiente cognitivo e manifestabilidade mútua (S&W, 1995).

O segundo nível de descrição do diálogo é o dito implícito. Esse será demonstrado entre colchetes:

Leo: E aí, como foi teu [Rafa] encontro [num tempo x] com o cara [que tu, Rafa, conheceu] da loja de sapatos?

Rafa: Ah, foi [um encontro], né?

Leo: Como assim [foi um encontro]? Qual o *grande* defeito desse [cara da loja de sapato]?

Rafa: [o cara da loja de sapatos] Eliminou os tremas.

Leo: Que?

Rafa: TranKIllo, freKENte, seKÊNcia, inconseKENte.

Leo: Mas ele [o cara da loja de sapato] não era *tão bonitinho*?

Rafa: [o cara da loja de sapato é] Bonitinho. [o cara da loja de sapato] Não, [é] lindo!

Leo: Então, o fim de semana foi perda de tempo?!

Rafa: [foi perda de tempo] Que nada! [Eu Rafa] Conheci [no fim de semana] um cara lindo! [o cara é] Alto, gentil, divertido, com olhos verdes incríveis!

Leo: Ahan... [tu, Rafa] Vai sair com ele [o cara alto, gentil, divertido, com olhos verdes incríveis]?

Rafa: [eu] Não [vou sair com o cara alto, gentil, divertido, com olhos verdes incríveis], [pois] ele [o cara alto, gentil, divertido, com olhos verdes incríveis] tem um grande defeito!

Leo: *Sério* [que o cara alto, gentil, divertido, com olhos verdes incríveis tem um grande defeito]?

Rafa: Olha quem fala! Por que tu [Leo] deixou de sair com a bartender?

Leo: Ah... Não muda de assunto [o grande defeito do o cara alto, gentil, divertido, com olhos verdes incríveis]. Que defeito enorme o cara [alto, gentil, divertido, com olhos verdes incríveis] perfeito tem?

Rafa: [o grande defeito que o cara alto, gentil, divertido, com olhos verdes incríveis tem é] Namorada. E a bartender [com quem tu, Leo, saía]?

Leo: Assim como tu [Rafa], ela [a bartender com quem eu, Leo, saía] não é a mulher ideal de nenhum homem.

Rafa: Como assim [assim como eu, Rafa, não é a mulher ideal de nenhum homem]?

Leo: [Rafa e/ou a bartender] Não é órfã.

Rafa: Minha [de Rafa] mãe não é tão ruim assim.

Leo: Comigo [Leo], [a tua, Rafa, mãe] com certeza não [é tão ruim assim]. Ela [tua, Rafa, mãe] me [Leo] ama.

Rafa: [A minha mãe te ama] Só porque tu [Leo] não tem um *grande* defeito.

Leo: Ah, é? Qual seria o grande defeito que eu [Leo] não tenho?

Rafa: [o grande defeito que tu, Leo, não tem] Ser meu namorado.

Leo: [eu, Leo] Nunca gostei dela [tua, Rafa, mãe] tanto assim também.

A partir disto, serão consideradas duas intenções distintas a partir das quais se terá um conjunto de suposições e conclusões implicadas diferentes.

Intenção 1 compartilhada por ambos — satisfazer a curiosidade e se divertir através de provocações.

Seguindo o Princípio de Conectividade Não-trivial, Leo e Rafa estabelecem o diálogo. Leo inicia com uma pergunta sobre o encontro de Rafa.

Leo: E aí, como foi teu [Rafa] encontro [num tempo x] com o cara [que tu, Rafa, conheceu] da loja de sapatos?

A partir de sua resposta a esta primeira pergunta, Rafa implica conversacionalmente que não foi um bom encontro, através da quebra da máxima de quantidade, em relação à pergunta de Leo, e da máxima de modo.

Rafa: Ah, foi [um encontro], né?

A partir disto, Rafa torna manifesto um conjunto de suposições:

Suposição 1: Um bom encontro faz com que a Rafa fique entusiasmada (P).

Suposição 2: Rafa entusiasmada sobre algo fala bastante sobre isso (Q).

Suposição 3: Rafa falou pouco sobre o encontro (R).

Suposição 4: Rafa não ficou entusiasmada com o encontro (S).

ICP: Não foi um bom encontro.

Formatando estas suposições em argumentos lógicos, dentre uma das possibilidades, eles ficariam como segue:

[i] Se um bom encontro faz com que a Rafa fique entusiasmada então ela fala bastante sobre isso. Rafa não falou bastante sobre o encontro, portanto ela não ficou entusiasmada com o encontro. ($P \rightarrow Q, \sim Q \vdash \sim P$: Modus Tollens)

O argumento [i] poderia ser incluído onde está marcado em [ii].

[ii] Se Rafa fica entusiasmada então foi um bom encontro. Rafa não ficou entusiasmada [i], portanto não foi um bom encontro. ($R \rightarrow S, \sim R \vdash \sim S$: Modus ponens)

Note que [ii] é uma falácia, mas que apresenta condições de veracidade, sendo, pois, aceito em linguagem natural.

A partir disso, Leo faz outras perguntas que tornam manifesto um novo conjunto de suposições:

Leo: Como assim [foi um encontro]? Qual o *grande* defeito desse [cara da loja de sapato]?

Inferência prosódica: não é grande defeito.

Inferência semântica: houve pelo menos mais um cara em que Rafa encontrou um *grande* defeito.

Partindo-se disso, através de inferência indutiva, Leo implica que Rafa encontra defeitos em todos os caras com quem sai.

Rafa: [o cara da loja de sapatos] Eliminou os tremas.

Leo: Que?

Com a entrada lexical ‘trema’, Rafa torna manifesto um conjunto de informações referentes ao novo acordo ortográfico, no qual o uso do sinal gráfico ‘trema’ foi eliminado. Em seu enunciado, Rafa quebra a máxima de modo, segundo o qual se deve evitar ambiguidade. Rafa responde de forma não relevante, uma vez que sua resposta exige um custo de processamento que não é compensado pelos benefícios cognitivos. O único benefício é a provocação para continuação do diálogo, mantendo-se a premissa de que Rafa está cumprindo com o PC.

Rafa: TranKilo, freKENte, seKÊNcia, inconseKENte.

Inferência fonológica: o cara da loja de sapatos eliminou o trema.

Leo: Mas ele [o cara da loja de sapato] não era *tão bonitinho*?

Inferência prosódica: ‘tão bonitinho’ é imitação de Rafa falando.

Inferência morfológica: ‘bonitinho’ não mais que isso. Como Rafa afirma no enunciado abaixo:

Rafa: [o cara da loja de sapato é] Bonitinho. [o cara da loja de sapato] Não, [é] lindo!

Leo: Então, o fim de semana foi perda de tempo?!

Novo conjunto de suposições se torna manifesto a partir das entradas lexicais presentes no enunciado de Leo:

Suposição 1: o objetivo de Rafa para o fim de semana [tempo x] era ter um bom encontro (P).

Suposição 2: não conseguir cumprir o objetivo [num tempo x] é perda de tempo (Q).

Suposição 3: Rafa não teve um bom encontro (R).

Conclusão implicada: o fim de semana foi perda de tempo.

Formatando-se essa inferência pragmática:

Se o objetivo de Rafa para o fim de semana [tempo x] era ter um bom encontro então não conseguir cumprir o objetivo [num tempo x] é perda de tempo. Rafa não teve um bom encontro, portanto o fim de semana [tempo x] foi perda de tempo.

Rafa: [foi perda de tempo] Que nada! [Eu Rafa] Conheci [no fim de semana] um cara lindo! [o cara é] Alto, gentil, divertido, com olhos verdes incríveis!

Com isto, Rafa implica que conhecer um cara lindo não é perda de tempo. Dando continuidade ao diálogo, Leo faz uma nova pergunta, a qual Rafa responde de forma direta, apesar de sua justificativa para a negativa novamente não ser relevante com o intuito de provocar a continuação do diálogo a partir da geração de novo processo inferencial.

Leo: Ahan... [tu, Rafa] Vai sair com ele [o cara alto, gentil, divertido, com olhos verdes incríveis]?

Rafa: [eu] Não [vou sair com o cara alto, gentil, divertido, com olhos verdes incríveis], [pois] ele [o cara alto, gentil, divertido, com olhos verdes incríveis] tem um grande defeito!

Leo: *Sério* [que o cara alto, gentil, divertido, com olhos verdes incríveis tem um grande defeito]?

Mais uma vez, se pode inferir indutivamente, a partir do enunciado de Leo, que Rafa costuma encontrar defeitos nos caras com quem sai.

Rafa: Olha quem fala! Por que tu [Leo] deixou de sair com a bartender?

Através da afirmação ‘olha quem fala’ implícita que Leo também encontra defeitos nas mulheres com quem sai.

Leo: Assim como tu [Rafa], ela [a bartender com quem eu, Leo, saía] não é a mulher ideal de nenhum homem.

Desta vez foi Leo quem fez um enunciado não relevante com o intuito de provocar a continuação do diálogo.

Rafa: Como assim [assim como eu, Rafa, não é a mulher ideal de nenhum homem]?

Leo: [Rafa e/ou a bartender] Não é órfã.

Com esta entrada lexical, Leo torna manifesto um conjunto de suposições:

Suposição 1: A mulher órfã não tem mãe (P).

Suposição 2: A mãe de uma mulher se torna sogra do namorado da filha (Q).

A entrada lexical ‘sogra’ nessa suposição permite o acesso à entrada enciclopédica sobre sogra.

Suposição 3: a sogra é implicante e intolerante (R).

Suposição 4: a mulher ter mãe é um defeito (S).

Suposição 5: a mulher ideal não tem defeito (T).

Conclusão implicada: a mulher ideal não tem mãe.

Rafa: Minha [de Rafa] mãe não é tão ruim assim.

Leo: Comigo [Leo], [a tua, Rafa, mãe] com certeza não [é tão ruim assim]. Ela [tua, Rafa, mãe] me [Leo] ama.

Rafa: [A minha mãe te ama] Só porque tu [Leo] não tem um grande defeito.

Novamente Rafa produz um enunciado não relevante com o intuito de continuação do diálogo.

Leo: Ah, é? Qual seria o grande defeito que eu [Leo] não tenho?

Rafa: [o grande defeito que tu, Leo, não tem] Ser meu namorado.

O conjunto de suposições que Rafa torna manifesto a partir desse enunciado é:

Suposição 1: Minha mãe é implicante e intolerante com homens que ela considerar ter um grande defeito (P).

Suposição 2: Ser namorado da Rafa é um grande defeito (Q).

Conclusão implicada: A mãe de Rafa não é implicante e intolerante com homens que não namoram a Rafa.

Leo: [eu, Leo] Nunca gostei dela [tua, Rafa, mãe] tanto assim também.

Ao dizer isso, Leo implica seu desgosto ao saber que o sentimento da mãe de Rafa por ele não é incondicional.

Assumindo-se a intenção 2 — Leo é apaixonado por Rafa —, é possível concluir que Leo estaria disposto a abrir mão da simpatia que a mãe de Rafa sente por ele para poder namorar com Rafa.

7 Considerações finais

A partir das análises apresentadas, nota-se a variedade dos tipos de inferências presentes e a dinamicidade na elaboração das suposições, uma vez que elas são construídas a partir dos enunciados dos envolvidos.

Ainda que a interface tenha sido demonstrada de forma superficial, é possível vislumbrar a capacidade descritiva e a potencialidade explicativa que a teoria do diálogo proporciona. Para se aumentar a relevância da interface será necessário maior aprofundamento teórico e explicativo dos processos inferenciais.

Referências

COSTA, Jorge Campos da. *O texto jurídico*. 2009. Disponível em: http://www.jcamposc.com.br/textos_disciplinas/aretoricainferencialdodiscursopolitico.pdf. Acesso em 30 out. 2010.

_____. *A teoria inferencial das implicaturas: descrição do modelo clássico de Grice*. Disponível em http://www.jcamposc.com.br/textos_disciplinas/ateoriainferencialdasimplicaturas.pdf. Acesso em 03 de agosto de 2010.

_____. *A estrutura inferencial da comunicação dialógica*. Projeto de pesquisa, 2004. Disponível em: http://www.jcamposc.com.br/projetosepesquisas/a_estrutura_inferencial_da_comunicacao_dialogica.pdf. Acesso: 01 dez. 2010.

_____. *A Inferência Lógico-linguística na Interface Léxico/Sintaxe/Semântica/Pragmática*. p.1481-1488, 2006. Disponível em www.filologia.org.br/ileel/artigos/artigo_388.pdf. Acesso em 04 jun. 2010.

Costa, Jorge Campos da. *A relevância da pragmática na pragmática da relevância*. [recurso eletrônico]. Porto Alegre : EDIPUCRS, 2008. Disponível em <http://www.pucrs.br/orgaos/edipucrs/>. Acesso em 14 dez. 2010.

H.P. Grice. *Logic and Conversation*. In COLE, P.; MORGAN, J.L.(eds). *Syntax and Semantics*, vol 3. New York: Academic Press, 1975.

RAUEN, Fábio. Sobre relevância e irrelevâncias. In: *Tópicos em Teoria da Relevância* [Recurso eletrônico]. Costa, Jorge Campos da; Rauen, Fábio (orgs.). Porto Alegre: EDIPUCRS, 2008.

SILVEIRA, Jane Rita Caetano da; FELTES, Heloísa Pedroso de Moraes. *Pragmática e Cognição: a textualidade pela relevância*. 2ª Ed. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2002.

SPERBER, Dan; WILSON, Deirdre. *Relevance: communication and cognition*. Cambridge: Blackwell, 1995.

_____. *Relevância: comunicação e cognição*. 2ª Ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2001. Tradução de ALVES, Helen Santos; TORRE, Manuel Gomes de.

_____. *Relevance Theory*. Disponível em: <http://www.dan.sperber.fr/?p=93>. Acesso em: 13 de julho.

Recebido em 01/07/2011

Aceito em 19/10/2011